

Maysa Polcrist*REPORTAGEM
maysa.polcrist@redabahia.com.br

Entre a Rua Carlos Gomes e a Avenida Lafayette Coutinho, o Chafariz da Cabocla, inaugurado três décadas após a expulsão das tropas portuguesas, explica o que levou o bairro Dois Julho levar o título da data que marca a Independência do Brasil na Bahia.

Se hoje os chafarizes da capital baiana servem de enfeite arquitetônico, no século XIX, quando não se falava em saneamento básico, eles garantiam o abastecimento de água para a população. Fácil imaginar, então, como a instalação de um chafariz mobilizava quem vivia aqui.

Em 1856, a Companhia do Queimado inaugurou aquele que seria o precursor do Monumento ao Dois de Julho, localizado no Campo Grande. Feito de mármore de Carrara e com uma cabocla no topo de seu pedestal, o chafariz simboliza a luta do povo pela Independência da Bahia. A índia-cabocla empunha uma lança e combate uma hidra – representação do exército português.

Antes do Chafariz da Cabocla ser instalado em frente ao Quartel dos Aflitos, o monumento percorreu pontos da cidade. Foi, inicialmente, inaugurado na Praça da Piedade, mas com a abertura da Avenida Sete, pelo então governador J.J. Seabra, foi levado para o Largo Dois de Julho – que recebeu esse nome justamente nesse momento, no início do século XX. Antes, era denominado Freguesia de São Pedro.

“Com a modernização da cidade e a transferência do chafariz, o bairro começa a ser chamado de Dois de Julho, o que pode ter sido uma homenagem à independência”, pontua Murilo Mello (@murielomellohistoria), professor de História. Numa época em que a formação das ruas era diferente do que se conhece hoje, o Dois de Julho foi palco da entrada do exército libertador em Salvador naquele dia fatídico de 1823, que confirmou a vitória brasileira.

Só no início da década de 80, o chafariz foi colocado no Largo dos Aflitos. O trânsito da obra é, para Clíssio Santana, mestre em História e professor universitário, uma demonstração do descaço que existe com os monumentos. “Isso diz muito sobre a como a sociedade se relaciona com

Qual o papel do bairro na história?

2 de Julho O batismo do logradouro foi motivado pela presença do monumento instalado no Largo dos Aflitos; entenda



O chafariz instalado no Largo dos Aflitos motivou o nome do bairro, repleto de encantos, boêmia e histórias

seus patrimônios históricos, que podem ser transportados e modificados, sem que haja uma mobilização popular”.

CASTRO ALVES

Mesmo sendo uma das cinco cidades mais populosas do país, a impressão é que quase todo mundo se conhece em Salvador. Imagine, então, no século XIX, quando as fronteiras da cidade e a população eram menores. O que explica a ligação de Castro Alves, que faleceu numa casa que existe até hoje no Dois de Julho, com Maria Quitéria, heroína da independência.

“O Major Silva Castro, avô de Castro Alves, montou uma fábrica de cartuchos, em São Félix, e começou a se destacar

durante a independência. A partir disso, ele vira o comandante do Batalhão dos Periquitos, o de maior importância simbólica no Dois de Julho”, explica Murilo Mello. Entre os valentes combatentes do grupo estava Maria Quitéria. A alcinha do batalhão faz referência às vestimentas verdes e ao penacho que usavam no chapéu. Já o avô do poeta ficou conhecido pelo resto da vida como “Periquitão”.

Bem próxima à Ladeira da Preguiça, a Avenida Sodré, 43, abriga a última casa em que Castro Alves viveu. O local funciona, atualmente, como o colégio estadual Ypiranga. Em vida, o poeta escreveu poemas em homenagem à indepen-

dência da Bahia, entre eles o “Ode ao Dois de Julho”.

A presença de personalidades nas ruas do Dois de Julho é uma constante no reduto tradicional da tradicional boemia soteropolitana. O bairro abriga comércios com décadas de história, como o Mocambinho Bar, Restaurante Caxixi e Porto do Moreira, citado em obras do escritor Jorge Amado. “Raul Seixas vivia no Largo do Dois de Julho porque o maestro da sua banda morava por aqui. Foi aqui também que Rita Lee conheceu Pitty e a levou para fazer sucesso fora da Bahia”, conta o jornalista Paulo Axé, morador há mais de 30 anos e amante do bairro.

*COM ORIENTAÇÃO DE MONIQUE LÔBO



A última residência do poeta

O QUE VISITAR NO BAIRRO DOIS DE JULHO

● **Largo dos Aflitos** Local que abriga o Chafariz da Cabocla, onde também se localiza o Quartel dos Aflitos

● **Largo Dois de Julho** Onde o Chafariz da Cabocla ficou instalado até 1960

● **Casa do Poeta** Última morada do poeta Castro Alves (Rua do Sodré, 43), hoje, abriga o Colégio Estadual Ypiranga

● **Museu de Arte Sacra da UFBA** Museu e antigo Convento de Santa Teresa, na Rua do Sodré, 28

● **Mocambinho Bar** na Rua da Faísca, 12. Espaço é referência pela culinária, marcadamente regional

● **Bar e Restaurante Caxixi** Rua do Cabeça, 123. O Restaurante é uma referência em comida regional, com destaque para o Malassado

● **Porto do Moreira** Um dos locais mais festejados pela culinária e palco de encontros memoráveis de artistas baianos, na Rua Carlos Gomes, número 488

● **Bar Âncora do Marujo** Local badalado entre o público LGBTQIAPN+, na Rua Carlos Gomes, 809

● **Clube Fantoches da Euterpe** Famoso pelos antigos bailes de Carnaval e concursos de miss, o espaço é palco de eventos mais alternativos e fica na Rua Democrata, número 10. Foi fundado em 1884 e era um dos mais tradicionais clubes carnavalescos da Cidade até os anos 1970.

Dois de Julho só não mudou de nome pela resistência de moradores

O ano era 2012 e um projeto da prefeitura de Salvador, naquela época administrada por João Henrique, mobilizou moradores e simpatizantes do bairro em defesa da manutenção do nome Dois de Julho.

Sob a defesa de um projeto de modernização, a gestão municipal planejou a alteração do nome do bairro para

Santa Teresa. A tentativa de retirar a homenagem à independência em favor de um nome da Igreja Católica não agradou a maior parte da população e o projeto acabou engavetado e esquecido.

Mas para entender essa história, é preciso descer a ladeira em que Castro Alves viveu e chegar até o Museu de Arte Sacra da Universida-

de Federal da Bahia (UFBA), onde funcionou o Convento de Santa Teresa de Ávila.

“O Convento foi fundado no século XVII, por monges portugueses da Ordem dos Carmelitas Descalços, que vinham de Angola e foram acolhidos pela população. Santa Teresa foi uma religiosa espanhola, que comandou a reforma da Ordem” expli-

ca a museóloga Edjane Rodrigues.

Durante a independência, os monges abrigaram tropas portuguesas no Convento, o que contribuiu para o desgaste da presença dos religiosos na cidade.

Em 1840, menos de duas décadas depois da vitória brasileira, a Ordem dos Carmelitas foi extinta.

O convento, que abrigava os monges, se tornou museu da Universidade Federal da Bahia no final da década de 50, por iniciativa do então reitor Edgard Santos.

O projeto Bahia livre: 200 Anos de Independência é uma realização do jornal Correio com apoio institucional da Prefeitura Municipal de Salvador.